



HISTÓRIAS DE VÓ: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO EDUCATIVO COM BASES ORIGINÁRIAS E AFROBRASILEIRAS

Juliana Rodrigues Alves¹ – UFMG

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um relato de experiência reflexivo sobre o projeto *Histórias de Vó – Doce Chuva*, desenvolvido por mim e pela atriz Luana Farias, jornalista formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ambas interpretamos e alternamos os personagens ao longo da contação, além de criar a concepção dramatúrgica e estética do trabalho. O projeto foi apresentado no Festival *Confluências Periféricas*, realizado em espaços culturais da Região Metropolitana do Recife: o Centro Cultural Quilombo do Catucá, em Camaragibe, e a Comunidade Egbé Omo L'omi, no bairro do Ibura. Esses territórios afirmam-se como espaços de resistência e acolhimento, nos quais ações religiosas, educativas e culturais reafirmam a centralidade dos saberes ancestrais na formação humana.

A iniciativa surgiu da parceria entre esses territórios e os cursos de Dança, Música e Pedagogia da UFPE, sob orientação dos professores Gabriela Santana, Leandro Souza e Cassius Marcelus Cruz, respectivamente, no âmbito da disciplina extensionista *Ação Curricular em Comunidade*, que ocorreu entre novembro de 2024 e abril de 2025. Minha participação ocorreu enquanto estudante de extensão, a convite da professora Gabriela Santana.

A investigação parte da seguinte questão: de que forma a contação de histórias, no formato vivenciado em *Histórias de Vó*, atua como prática formativa? Parte-se do entendimento de que a formação, nesse contexto, ultrapassa os limites do ensino formal, englobando processos de aprendizagem cultural, afetiva, artística e política, emergentes

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, graduada em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: julianarodrigues.teatro@gmail.com.



da experiência coletiva e do contato com os saberes ancestrais. Nessa perspectiva, reivindica-se uma educação que se concretiza no corpo, no canto, na palavra e no gesto.

A contação de histórias é uma prática ancestral de transmissão de saberes, enraizada nas tradições orais afro-indígenas. Segundo o portal da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará, o escritor e o ativista indígena Daniel Munduruku, do povo Munduruku, afirmou na Pré-Bienal Internacional do Livro do Ceará (2022) que “as histórias são a nossa ligação com a ancestralidade”, destacando que, por meio delas, o conhecimento permanece vivo e em movimento. Assim, a contação ultrapassa o entretenimento e se afirma como tecnologia social, espiritual e pedagógica, capaz de preservar memórias coletivas, fortalecer identidades e reafirmar a oralidade como modo legítimo de aprendizagem. Nas periferias urbanas, essa expressão adquire também dimensões políticas e formativas, valorizando os saberes populares e fortalecendo o tecido comunitário.

A ação *Histórias de Vó – Doce Chuva* apresentava a narrativa de Flora, uma menina que sonhava com o retorno da chuva para poder desfrutar, com sua família e amigos, do pé de manga no quintal. A história era narrada pelas avós da vila, que transmitiam à menina e às demais crianças valores relacionados à paciência, à escuta dos mais velhos e ao respeito pela natureza e pelos saberes antigos.

CAMINHOS TECIDOS DIANTE DE AFETAÇÕES

Ser parte da ação possibilitou registrar interações, afetos e modos de ocupação do espaço por meio da narrativa oral. O projeto valorizava simbolicamente os avós da comunidade, reconhecendo-os como guardiões de saberes ancestrais e reforçando a importância do respeito a essas figuras. A performance se insere em uma tradição que enxerga nos mais velhos a memória viva da comunidade, reconhecendo-os como guias espirituais e educativos. Nesse sentido, o gesto artístico aproxima-se das reflexões de Ailton Krenak, líder indígena da etnia Krenak e escritor brasileiro, que afirma: “A Terra é nossa ancestral. Não é um recurso, é mãe e avó. Somos corpo da Terra e ela respira em



nós” (KRENAK, 2022, p. 54). Sua perspectiva ressalta a importância de honrar os anciãos como forma de manter viva a relação com a terra e os modos de existir da comunidade.

A apresentação ultrapassava a dimensão performática e se configurava como um espaço de troca e de construção coletiva. A roda de escuta reúne crianças, jovens e adultos em um mesmo círculo, promovendo o compartilhamento de histórias atravessadas por elementos da cultura popular, memórias comunitárias e vivências familiares. Nesse processo, a narrativa deixa de ser apenas um relato para se tornar experiência, onde o ato de escutar é também ato de participar.

Ao longo da história, os espectadores eram convidados a interagir com as personagens, seja por meio de pequenos gestos, como levantar os braços ou alongar a respiração, seja em jogos teatrais, como o “olha o que eu sei fazer”. As crianças respondiam com cambalhotas, saltos e brincadeiras, enquanto os adultos, ao se deixarem envolver, reencontravam a dimensão lúdica da infância e participavam da experiência junto com elas. Essa vivência revelava que todos carregam dentro de si uma criança capaz de se encantar, brincar e aprender coletivamente.

A contação de histórias, nesse contexto, assume um papel pedagógico ampliado: não apenas transmite conteúdos, mas ativa memórias afetivas, provoca o corpo, cria vínculos comunitários e legitima os saberes ancestrais como fundamentos formativos. Assim, o espaço da roda se torna, ao mesmo tempo, ritual e pedagógico, ampliando os horizontes da educação para além da escola formal.

VOZES EM RODA: MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO

Segundo a doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2011, p. 150), “(...) para os africanos e afrodescendentes, o termo educar-se remete a aprender a conduzir a própria vida em comunidade”. A oralidade, a transmissão de conhecimentos, as histórias e os ensinamentos constituem uma forma concreta de realizar esse aprendizado, evidenciando o estado de comunidade em que os saberes são compartilhados. Dessa forma, a



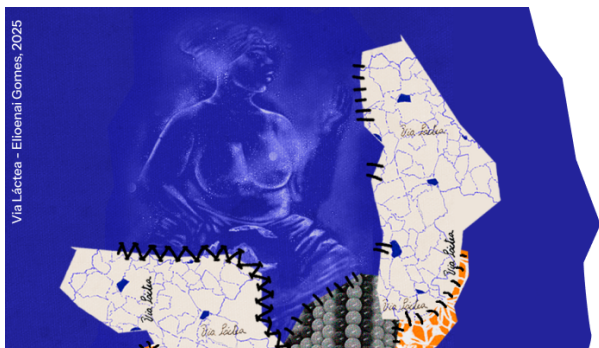
educação não se centra em currículos formais, mas em vivências coletivas, na palavra compartilhada e na reinvenção constante de significados.

Ademais, o professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Zeca Ligiéro (2023, p. 148), destaca que “(...) o narrador tradicional utiliza uma linguagem que extrapola os dramas cotidianos, incorporando mitologias e sagas de tempos imemoriais”. Essa característica aproxima-se do conceito de “tempo espiralar” da escritora e professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Leda Maria Martins (2021), segundo o qual passado, presente e futuro não se apresentam de forma linear, mas entrelaçados. Assim, quando uma história é narrada, ela não revive apenas o passado, mas atualiza o presente e abre possibilidades para o futuro. É exatamente isso que ocorre em *Histórias de Vó*, em que a narrativa das anciãs não é apenas memória, mas também horizonte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que “História de Vó” reafirma a importância da oralidade como prática formativa e aponta para a necessidade de repensar os próprios conceitos de escola e de educação. A experiência evidencia que a pedagogia da oralidade, ancorada em tradições afroindígenas, pode inspirar práticas educativas mais horizontais, inclusivas e enraizadas nas realidades locais.

Dessa forma, o projeto se apresenta como exemplo de escola viva, articulando memória, afeto e resistência. Ao mesmo tempo em que valoriza os mais velhos como guardiões da memória, igualmente abre espaço para a participação ativa das novas gerações. Nesse entrecruzamento temporal, a educação se reinventa, comprometida com a vida comunitária e com a valorização das culturas populares. Para além de um projeto artístico, “História de Vó” é uma prática pedagógica decolonial, que desafia modelos eurocêntricos de ensino e fortalece caminhos educativos enraizados nas realidades locais.



REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **O Futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIGIÉRO, Zeca. **Outro teatro**: tradição, performance e arte pública. São Paulo: Garamond, 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNDURUKU, Daniel. **Diálogo sobre a Infância Indígena**. Palestra realizada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2022/03/18/daniel-munduruku-e-auritha-tabajara-falam-sobre-historias-e-infancia-indigena-na-pre-bienal-internacional-do-livro-do-ceara/>. Acesso: 03 out. 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Entre Brasil e África**: construindo conhecimentos e militância. Belo Horizonte: Mazza, 2011.